

NARRATIVAS DE VIDA E TENSÕES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DO ESTILO PESSOAL DE LOURDINHA SANTOS

Life Narratives and Social Tensions in the Construction of Lourdinha Santos's Personal Style

Melo, Fabielle Kevinne Santos; Universidade de Fortaleza, fabielleksm@gmail.com¹

Vasconcelos, Mário Fellipe Fernandes Vieira; PhD; Universidade Federal do Ceará, fernandesv10@gmail.com

2

Resumo: Essa pesquisa interdisciplinar entre Moda e Antropologia busca explorar como a construção do estilo pessoal é influenciada pelas escolhas individuais e contextos sociais específicos, além de destacar como o ato de se vestir pode refletir tensões e expectativas sociais numa cidade do interior de Pernambuco, no Nordeste do Brasil.

Palavras chave: Moda; Identidade; Tensões sociais.

Abstract: This interdisciplinary research between Fashion and Anthropology aims to explore how the construction of personal style is influenced by individual choices and specific social contexts, as well as highlight how the act of dressing can reflect social tensions and expectations in a small town in the interior of Pernambuco, in Northeast Brazil.

Keywords: Fashion; Identity; Social Tensions.

Introdução

"*VESTIDA PARA ESPANTAR GENTE NA RUA*"³, esse é o título do livro infantil escrito e ilustrado por Miki W. (2010) e que me inspirou a pensar no *vestir*⁴ como um objeto de estudo. "Vestida para espantar gente na rua" é uma brincadeira que a menina Miki inventou, para expressar a própria personalidade criativa e inventora através das roupas. De um modo simples e autobiográfico, a autora nos diz que enquanto a menina brincava assim, 'algumas pessoas desmaiavam... {Será que ela é doida?} Outras disfarçavam como podiam, mas seus olhos já tinham sido físgados... {Será que ela era aparecida?}'.

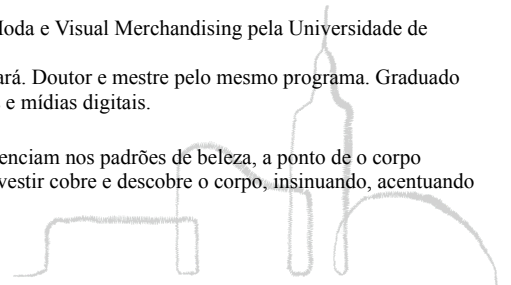
O convite à reflexão que esse pequeno texto faz tem o potencial de nos conduzir a lugares inimagináveis do pensar, incitando-me a questionar, em minha própria vida, a respeito da importância da autenticidade, da

¹ Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Pós-graduada em Styling, Produção de Moda e Visual Merchandising pela Universidade de Fortaleza.

² Psicanalista e pós-doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Doutor e mestre pelo mesmo programa. Graduado em Design de Moda e em História. Tem experiência na área dos estudos de gênero, sexualidade, masculinidades e mídias digitais.

³ MIKI W. *Vestida para espantar gente na rua*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

⁴ Sobre o ato de vestir e a escolha das roupas, trago a seguinte passagem: "As roupas reescrevem o corpo e influenciam nos padrões de beleza, a ponto de o corpo submeter-se a elas, ora nas representações artísticas, ora na busca por formas 'ideais' da contemporaneidade. O vestir cobre e descobre o corpo, insinuando, acentuando ou ocultando suas formas" (Acom, 2023, p. 84).



liberdade, e também como as escolhas baseadas no amor-próprio são fundamentais para a construção da identidade e do estilo pessoal. Quando decidi ter a coragem de falar sobre essas questões, entendi que a metodologia de pesquisa com narrativas de vida se encaixaria bem na minha pesquisa, sob olhar socioantropológico, pois, “a identidade se constrói pela narrativa. O ser humano se compreende ao interpretar-se e o modo como ele se interpreta é o narrativo” (Ribeiro; Vasconcelos, 2020, p. 213). E ainda tomando como referência Daniel Bertaux (2010, p. 214), para dizer que “[...] o objetivo é verificar os tensionamentos que estes dois pólos interdependentes criam, em coexistência, mundos sociais, desenvolvendo para si uma cultura própria, um código de linguagens múltiplas, incorporada por seus participantes. Portanto, este trabalho é uma pesquisa interdisciplinar entre Moda, Antropologia e Sociologia, provocado pela tentativa de refletir sobre os modos de se expressar através das roupas, da criação de um estilo que se relaciona com as nuances da cultura, ao passo que o sujeito social participa da vida em toda sua complexidade e experiencia o *olhar* do outro sobre si, e o olhar de si sobre si mesmo.⁵

O desejo pela pesquisa biográfica através de narrativas de vida surgiu logo após assistir ao documentário “*Jardelina da Silva: eu mesma*”⁶, produto da tese de doutorado de Cristiane Mesquita (2009). O documentário, sob narração de Jardelina, mostra um pedaço iconográfico de sua vida, em que “[...] analfabeta, criava poemas concretos a partir de números e letras soltas. Mulher, pintava bigode no rosto lambuzado de maquiagem, desafiando todas as estruturas de poder” (Sá, 2014, p. 34). Além disso, beirava a loucura, era católica, mas foi expulsa da igreja, era viúva e pobre. Costurava suas próprias roupas e somente vestia o que ela mesma criasse, tinha seu fotógrafo pessoal para documentar suas roupas e acreditava que desse jeito salvaria o planeta.

Diferentemente de Lourdinha, Jardelina não teve oportunidades estruturais, como por exemplo, educação formal e estabilidade financeira. Ambas, com suas histórias de vida, crenças e estilos pessoais, têm em comum a singularidade disruptiva dos padrões esperados para uma mulher, como os papéis do cuidado, da beleza homogeneizada, das carreiras limitantes ou limitadas, da submissão em relação às próprias escolhas de vida, entre outros fatores que adentram os múltiplos campos do *ser-no-mundo*⁷. Assim, parafraseando Lévi-Strauss (1962), ao passo que os modos de viver e agir dos indivíduos sejam motivo de incômodo, a antropologia se encarregará de fazer a reflexão acerca dessas discrepâncias e a cada novo estudo, ainda permanecerão como objeto de análise antropológica.

⁵ DUNKER, Christian; SIBILIA, Paula. Flip 2016 - “O show do eu”, com Christian Dunker e Paula Sibilía (áudio original). YouTube, 3 de julho 2016. 1h05min47s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V1aC5EJ05nY>. Acesso em: 22 ago. 2024.

⁶ MESQUITA, Cristiane. JARDELINA DA SILVA: EU MESMA. YouTube, 11 de dezembro de 2015. 55min05s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SqAkxixstSQ>. Acesso em: 22 abr. 2024.

⁷ Heidegger (1981, p. 27) apresenta a ideia de um ser-aí (*Dasein*), um ser-no-mundo, um ser-si-mesmo, que se refere a algo que “[...] em cada caso, sou eu mesmo; seu ser é, em cada caso, meu”, enfatizando a importância da autenticidade e da individualidade na existência humana.

A partir daí, surgiu o desafio a partir da possibilidade de unir *o olhar antropológico*⁸ com a metodologia de narrativas de vida, a fim de investigá-las “como um campo conceitual da antropologia e pensar as biografias não como restrições que se limitam à história de uma única vida, mas como possibilidades contextuais dentro de um universo de relações que nunca se isola em uma só vida” (Danaga, 2020, p. 112) E, assim, podendo enxergar as nuances da cultura, “a partir de seus usos personalizados” (Gonçalves, 2012), através da análise da construção do estilo pessoal de Lourdinha Santos⁹.

Ir contra uma maré - mas nem tanto: notas sobre adequação x disrupção

Este artigo trata de reflexões acerca de minha pesquisa de TCC, para o curso de Especialização em Produção de Moda, Styling e Visual Merchandising. Durante a pesquisa bibliográfica, tomei como referência Mauro Koury e Raoni Barbosa para entender melhor a dinâmica social em cidades pequenas, pois eu havia escolhido Lajedo-PE, para ser o berço de minha pesquisa. Conforme afirmam os autores, ao contrário de ser um ambiente harmonioso e culturalmente coeso, a cidade pequena é marcada por conflitos morais, estratégias para sobreviver e por uma luta constante pela afirmação da individualidade, ainda que isso ocorra dentro de um contexto de opressão, pertencimento, ódio e amor pelo lugar (Koury; Barbosa, 2020, p. 58). É nesse entrelaçamento que, a trama entre tradição e mudanças, entre os dogmas e as individualidades, são constituídas as complexidades da vida social em Lajedo, tensionando e moldando aqueles que nelas entrecruzam-se.

Estudos como este de Mauro Koury e Raoni Barbosa (2020), em cidades pequenas e comunidades menores, apontam que a relação de proximidade arraigada entre os moradores resulta em uma atmosfera de forte controle moral, e, por vezes, disciplinar, entre os residentes. Os autores propõem entender como a propagação de fofocas e boatos emergem como meio de controle social, principalmente em contextos de relações interpessoais íntimas e intensas. Assim, aquelas pessoas que, por algum motivo ou característica, fujam desses padrões, chamam a atenção de alguma forma e podem virar alvo de fofocas e boatos.

Ainda hoje, e apesar da *hipermodernização*¹⁰, a cidade mantém suas tradições de festas religiosas, como a Festa de Santo Antônio - o padroeiro da cidade -, que ocorre na praça em frente à Igreja Matriz,

⁸ Aqui tenho como referência “O trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever”, de Roberto Cardoso de Oliveira (1996), em que ele diz que o olhar e a escuta na antropologia são *sui generis* para compreender os aspectos sociais e culturais das outras pessoas, buscando captar a essência de dentro para fora.

⁹ A moda é um fenômeno que se mantém em constante mudança, assim como as sociedades, as culturas e os indivíduos. Destarte, no prefácio do livro “Moda e Identidade: a construção do estilo próprio”, de Airtton Embacher (1999, p. 10), o professor Antonio da Costa Ciampa diz que “[...] Por isso, a identidade aqui é analisada como metamorfose, seja quando nos transformamos em escravos da moda, seja quando dela nos libertamos, num esforço de autonomia que busca a emancipação: tornar-se escravo de si mesmo, ou melhor, construir um *estilo próprio*”.

¹⁰ O conceito de hipermodernização é desenvolvido pelo sociólogo Gilles Lipovetsky (2015), que descreve uma fase tardia da modernidade definida pelos excessos de informações, estímulos sensoriais e escolhas; pela pressa caracterizada através da velocidade tecnológica que proporciona comunicação em tempo imediato, gerando assim descargas de dopamina que reverberam na gratificação imediata; pelas intensas transformações socioculturais, econômicas, políticas e tecnológicas, em que o consumismo é intensificado e cada indivíduo busca, de forma independente, a realização de seus desejos e aspirações pessoais. Por outro lado, embora haja a conexão digital, a hipermodernização pode levar ao despedaçamento das relações sociais e ao sentimento de desconexão entre as pessoas, tornando as relações humanas superficiais e efêmeras, diminuindo a qualidade dessas relações. Além do mais, com o advento desse fenômeno, a valorização do extraordinário e do inédito, faz questionar e até dilacerar os valores tradicionais em prol do progresso.

localizada no Centro, contando com apresentações de teatro e barracas de comida. A Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro acontece no bairro do Socorro e é a junção do sagrado e do profano, pois, ao passo que se trata de uma festa em homenagem à santa, a cidade recebe atrações como bandas de forró, parque de diversões, entre outras.

Além dessas festas, é comum que durante a campanha, e, posteriormente, na posse dos políticos eleitos, a cidade também receba atrações com música, desfiles, parques para crianças etc. Há relatos de que quando o prefeito do partido de Lourdinha ganhava, ela ia às posses sempre com vestidos diferentes, e que estes sempre foram assunto entre a população. Uma informante anônima contou-me que, em sua casa, Lourdinha guardava uma coleção de valor imensurável em vestidos, bolsas e sapatos: “Eu mesma já fui em muitas festas que ela estava presente, eu nunca vi ela repetir um vestido!” (B. S. não revelou a idade). Outra pessoa com quem conversei foi ex-aluna de Lourdinha: “Ah, ela é... sempre foi uma pessoa que você olha assim e já vê logo. Vê logo que ela é muito vaidosa. Eu não acho, mas tem gente que diz que ela é meio doida, né? Pra mim ela não é. A gente gostava da aula dela. Ela falava muito, assim... Dava gosto de ouvir ela falar” (D. C, 59 anos). E outra, uma conhecida minha que ainda mora na cidade e frequenta o mesmo ciclo que a sobrinha de Lourdinha: “Que Lourdinha? Lourdinha Toquin? Ah, eu acho ela brega. Nunca estudei com ela, mas conheço ela de eventos que fui com mainha. Lourdinha usa brilho demais! Acho brega” (M. N. 26 anos).

Em meu trabalho original, elaborei relatos em formato de narrativas descritivas sobre a casa de Lourdinha, pois, durante o campo, fui tocada a prestar atenção aos detalhes uma vez que percebi em cada um algo de muito único que me contava um pouco sobre ela. O trabalho de campo com observação participante nos leva a perceber o ambiente com um 'olhar irônico'¹¹ sobre os outros e as coisas. Michel de Certeau (1994) afirma que esse olhar está relacionado às formas complexas e sutis, ao mesmo tempo, em que os sujeitos experienciam os espaços. Notei que sua casa era repleta de elementos significativos: fotografias de suas viagens e de eventos sociais, como aniversários, casamentos, formaturas, carnavais, entre outros. Além disso, a decoração era marcada por brilho intenso aparecendo em objetos metalizados, estampas florais e ornamentos distintos. Durante a entrevista, Lourdinha relatou com orgulho os elogios que recebe, destacando como consegue se sobressair nos eventos por meio de suas vestimentas. Ela também revelou outros aspectos pessoais, como sua recusa ao casamento e à maternidade, por acreditar que, ao se casar, ou ter filhos, perderia sua liberdade, algo que lhe parecia inconveniente ao próprio desejo de vida que tinha para si.

Sendo assim, podemos associar às ideias de Bourdieu (1983) quando o autor argumenta que as preferências pessoais, no tocante às escolhas estéticas e culturais, são moldadas pelo status social e pelo capital

¹¹ Michel de Certeau (1994) fala de um olhar irônico no sentido contrário ao “olhar panóptico”, em que o primeiro tem a ver com a relação mais complexa e sutil que os indivíduos experimentam os espaços, e o segundo, tem a ver com uma visão mais totalitária em que tudo é observado constante e amplamente.

cultural do indivíduo. Por conseguinte, ao recusar ao casamento e à maternidade, Lourdinha pode ter suas escolhas interpretadas como uma resistência às normas e expectativas sociais que são associadas à sua classe e gênero. Essa renúncia pode, inclusive, ser lida como uma expressão de seu capital cultural e pela sua determinação em resistir às coerções sociais. Por outro lado, se analisarmos sob a ótica de Lipovetsky e Serroy (2015), que aborda a questão do estilo de vida e a procura por belezas e prazeres estéticos individuais, ao optar pela sua independência, Lourdinha pode ser vista como uma pessoa que valoriza sua liberdade e busca potencializar sua felicidade e bem-estar, assim como sugere o autor através da ênfase no hedonismo e da individualidade latentes à contemporaneidade. Pois, enquanto Lourdinha reproduz um estilo de vida mais independente, sua presença ainda obtém um peso significativo sobre as pessoas ao redor, logo, destaca seu capital simbólico e sua eficácia em inspirar os gostos e preferências dos outros, mesmo quando opta por seguir um caminho diferente.

Vestida para espantar gente na rua?

Durante grande parte da minha infância, os boatos sobre Lourdinha aguçaram minha curiosidade a seu respeito, uma vez que nunca a havia visto pessoalmente e as descrições, frequentemente imprecisas e carregadas de conotações pejorativas, não forneciam uma imagem clara dela. Quando estive em campo, tive a oportunidade de ver seu guarda-roupa de perto, pessoalmente, ela mesma me mostrou seus vestidos e acessórios, contando uma história sobre cada um deles. Em meu trabalho utilizei o exemplo dos vestidos roxo e salmão, usados apenas uma vez, assim como a maioria de seus muitos vestidos de festa.

Quando questionada se repetia alguma roupa em eventos diferentes, Lourdinha respondeu que nunca repete, o que nos conduz à uma reflexão sobre sua atitude ativa em expressar-se através de vestidos coloridos e bordados, como uma forma de busca pelo prazer estético. Uma vez que, ao participar dos *jogos de diferenciação* (Lipovetsky, 2009), Lourdinha reflete não somente sua identidade e seu estilo, como também demarca características que correspondem às influências das pressões socioculturais da hipermodernidade contemporânea e que, no caso de Lourdinha, se expressam através da avaliação que pessoas - as mesmas que frequentam os eventos que ela vai - farão sobre o fato de ela repetir uma roupa já usada. Não repetir uma roupa implica em, simultaneamente, conferir autenticidade e singularidade à imagem pessoal, como também responder a pressões sociais da busca permanente pelo novo. Na obra "Modernidade e Identidade", Giddens (2002) explora a busca pela *autoidentidade* na modernidade, destacando o rompimento com as ordens tradicionais que limitavam a identidade social dos indivíduos. A modernidade, ao superar a tradição, possibilita o desenvolvimento das competências individuais e oferece identidades efêmeras e voláteis, tornando o "eu" mais diversificado e cheio de escolhas. Já Lipovetsky (2015), em na obra sobre hipermodernidade e cultura de

consumo, destaca a importância do culto à imagem e ao consumo na sociedade contemporânea, onde a moda permite expressão pessoal e busca por prazeres estéticos.

De acordo com o que sugere Cristiane Mesquita (2009, p. 11), a essência para compreensão da importância do *estilo* como substantivo ou adjetivo, no tocante às aparências individuais, das quais constituem ligação direta com as subjetividades e os modos de vestir, é precisamente "o grau de intensidade da carga subjetiva que o estilo pode abarcar, a ponto de servir como caracterização, categorização e desígnio do corpo que o compõe". As noções de estilo pessoal de Lourdinha retratam, além das suas preferências estéticas, parte da sua compreensão sobre o vestir transcendente à simples escolha de uma roupa para si. Ela preocupa-se com valores estéticos próprios, moralidades, toma cuidado com a escolha das cores, apropriando-se de seus significados socioemocionais, atenta à estamparia e às "bijoux", revelando sua apta distinção ao se adaptar às diferentes circunstâncias.

Quando cheguei à casa de Lourdinha e olhei ao redor, busquei possíveis referências que pudessem me ajudar a interpretar o estilo de decoração escolhido por ela. Lembrei-me imediatamente da estética *Kitsch* que, com o advento da modernidade tardia, o neoliberalismo e o capitalismo artista (Lipovetsky; Serroy, 2015), se popularizou entre diversas classes sociais, incluindo as classes médias e baixas. Para Lipovetsky e Serroy (2015), o *kitsch* é como uma expressão cultural contemporânea assinalada pela estética do excesso e da superficialidade, caracterizado pela ambiguidade na mistura de estilos e apropriação dos elementos de várias culturas, pela apreciação dos ornamentos e ostentação. Para os autores, ao passo que essa estética é marcada pela busca dos prazeres imediatos e pela satisfação dos desejos pessoais como prioridade, no entanto, é criticada pela falta de autenticidade, pois é caracterizada pela comercialização em massa, sendo também conhecida como uma expressão libertária individual da democratização da cultura: "[...] A busca de uma vida estética era uma paixão elitista, aristocrática e burguesa associada ao luxo; ela se tornou uma paixão consumista e democrática de massa" (*Ibid.*, p. 336). Continuando com os autores, a tendência *kitsch* volta hoje sob a profusão direta das sociedades hiperconsumistas por causa dos valores hedonistas e individualistas.

Na casa de Lourdinha, a extravagância estética vai além de sua vestimenta, se estende até a decoração do lar. Todos os detalhes visuais, como os vibrantes arranjos de flores e os objetos de adorno brilhantes e dourados, como porta-retratos, quadros e almofadas, refletem não só um gosto diferenciado, como também revela a expressão singular de Lourdinha. Tais elementos decorativos não são, tão-somente, ornamentais; eles funcionam como símbolos marcantes e marcadores de visão de mundo e do *ser-aí* (Heidegger, 1981). É através dos elogios entusiastas de amigos e admiradores que Lourdinha confirma sua capacidade em criar um ambiente focado num "conforto mais bonito" para si mesma. A estética *kitsch* ajuda-nos a pensar melhor sobre a singularidade de Lourdinha, através do conceito da manifestação autêntica de si por meio das coisas, como

também sendo parte de um sistema cooptado pela lógica do hiperconsumo estético e individualizado. Desse modo, vimos que a morada de Lourdinha Santos também constitui uma narrativa visual que supera as linhas entre o público e o privado, o sagrado e o profano, retratando as múltiplas camadas de sua identidade e símbolos significantes que estabelecem a experiência humana.

Considerações finais

Com as reflexões propostas em meu trabalho, percebemos que as ambivalências no discurso expõem uma fenda entre seus desejos pessoais e a relação com o consumo de moda, onde, mesmo que Lourdinha diga que compra apenas quando tem a ver com seu estilo e idade, também é seduzida a comprar mesmo sem precisar, pela noção da leveza ao acesso daquela roupa num "momento oportuno" para ela. As viagens de Lourdinha são fontes diretas às suas descobertas e prazeres, tendo impacto e evidenciando em seu discurso a complexidade das dinâmicas contemporâneas, em que os indivíduos são chamados a construir suas subjetividades através do estilo de ser e vestir-se. Para pensar além das dinâmicas sociais discutidas aqui, é importante considerar também como o ato de vestir-se, atinge uma dimensão inquietante dentro do contexto de Lourdinha, o vestir não se delimita tampouco à expressão da singularidade individual, mas também está imbricado às normas e condutas impostas pelo capitalismo hipermoderno, onde essa tensão entre singularidade, conformidade e consumo exacerbado é uma característica marcante dos modos de subjetivação contemporâneos, nos quais o estilo pessoal muitas vezes se choca com as pressões sociais e comerciais para se adequar a determinados padrões estéticos. Sua escolha por um estilo pessoal único e seu comportamento em eventos sociais são formas de resistência e expressão individual dentro de um contexto social de controle e conformidade. Ao explorar essas tensões, minha pesquisa destaca como o estilo pessoal de Lourdinha Santos reflete e desafia as normas e expectativas sociais de sua comunidade.

Referências

ACOM, A. C. **O Ser e a Moda**: a metafísica do vestir. São Paulo: Estação das Letras e Cores; Caleidoscópio, 2023.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

CERTEAU, M. de. **Artes de fazer**: a invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994.



CHRISTIAN Dunker analisa a vida entre muros. **Carta Capital**. São Paulo, 13 fev. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/psicanalista-christian-dunker-analisa-a-vida-entre-muros/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

DANAGA, A. C. Sujeitos, narrativas e grafias: reflexões sobre etnobiografia e liderança. **Revista de Antropologia da UFSCar**, São Carlos, v. 12, n. 2, p. 109–130, 2020.

DUNKER, Christian; SIBILIA, Paula. Flip 2016 - “O show do eu”, com Christian Dunker e Paula Sibilía (áudio original). YouTube, 3 de julho 2016. 1h05min47s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V1aC5EJ05nY>. Acesso em: 22 abr. 2024.

EMBACHER, A. **Moda e identidade**: a construção de um estilo próprio. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 1999.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GONÇALVES, M. A. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: GONÇALVES, M. A.; MARQUES, R.; CARDOSO, V. Z. (org.). **Etnobiografia**: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2012. p. 19-42.

HEIDEGGER, M. **Todos nós... ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Editora Moraes, 1981.

KOURY, M. G. P.; BARBOSA, R. B. Fofocas e rumores no cotidiano do pequeno urbano: a construção e a apresentação do self nas sociabilidades urbanas de pequena escala. **Latitude**, Maceió, v. 14, n. 2, p. 56–81, 2020.

LÉVI-STRAUSS, C. A crise moderna da antropologia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 10, n. 1-2, p. 19-26, 1962.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

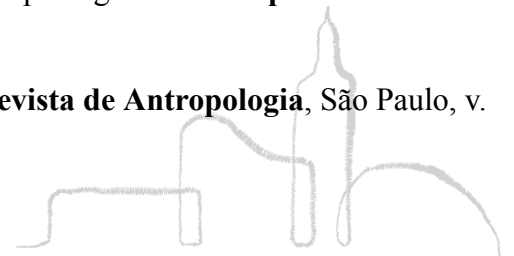
LIPOVETSKY, G., SERROY, J. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MESQUITA, C. O império do estilo. **Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-29, out./dez. 2009.

MESQUITA, Cristiane. JARDELINA DA SILVA: EU MESMA. YouTube, 11 de dezembro de 2015. 55min05s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SqAkxixstS0>. Acesso em: 22 abr. 2024.

MOTA, M. D. de B. Moda e subjetividade: corpo, roupa e aparência em tempos ligeiros. **Modapalavra e-periódico**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 21-31, 2008.

OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.



RIBEIRO, E. F.; VASCONCELOS, S. M. F. A entrevista de narrativa de vida: uma abordagem que revela um gênero. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, p. 209-224, 2020.

SÁ, R. P. da S. Jardelina da Silva: tá viva a letra! **Revista Croma, Estudos Artísticos**, Lisboa, v. 2, n. 3, p. 178-185, jan. 2014.

W., Miki. **Vestida para espantar gente na rua**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

